



Falas Comunitárias: um estudo das práticas da comunicação comunitária em Santa Maria¹

Neli Fabiane MOMBELLI²

Rosana Cabral ZUCOLO³

Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, RS

RESUMO

Este artigo apresenta o processo de pesquisa e os resultados do projeto Falas Comunitárias⁴, que buscou estudar as práticas de comunicação das organizações comunitárias de Santa Maria - RS, bem como os conceitos de comunidade e cidadania entrelaçados em tal contexto. Para tanto, as organizações foram inventariadas e identificadas por meio da observação participante.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação Comunitária; Cidadania; Comunidade

1. Acerca da comunidade, da cidadania e da comunicação comunitária

A comunicação comunitária surge da necessidade de democratização do acesso e da produção de informação, e se desenvolveu enquanto uma alternativa perante aos conglomerados da comunicação, permitindo à população criar suas próprias formas e instrumentos para a defesa de seus interesses. Isso lhe permite ser protagonista diante de sua própria realidade, estimula e desenvolve a mobilização e a participação cidadã.

Por participação cidadã, entende-se o exercício da cidadania em todos seus níveis. Nela está ancorada a inclusão, a garantia de direitos sociais e políticos, o que pressupõe o reconhecimento de direitos e deveres.

¹ Trabalho apresentado no IJ 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

² Estudante de graduação 8º semestre do curso de Comunicação Social/Jornalismo do Centro Universitário Franciscano, bolsista do projeto Falas Comunitárias, e-mail: nelifabiane@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Comunicação Social/Jornalismo do Centro Universitário Franciscano, e-mail: rosana.zucolo@unifra.br

⁴ Pesquisa de Iniciação Científica executada através do Programa de Bolsas de Iniciação Científica da UNIFRA (PROBIC), no ano de 2009, desenvolvida pelas pesquisadoras Neli Fabiane Mombelli, Rosana Cabral Zucolo, Liliane Dutra Brignol, professora do curso de Comunicação Social/Jornalismo do Centro Universitário Franciscano, e Sabrina Jacinto Höer Kluwe, estudante de graduação do 4º semestre do curso de Comunicação Social/Jornalismo do Centro Universitário Franciscano



A um conceito mais clássico de cidadania, ancorado no exercício de direitos civis, políticos e sociais – em que se combinam ideais ocidentais de liberdade, participação e igualdade –, é agregada uma noção de cidadania fundamentada em demandas culturais e identitárias, pautada no reconhecimento da "diferença" (COGO, 2005, p. 04).

Para que a participação seja exercida por diferentes atores sociais e para que projetos sociais atendam outras demandas, não somente aos emergenciais priorizados pelo governo, surgem os movimentos sociais, ONGs, instituições, grupos organizados na sociedade civil. Esse processo dá-se por meio da mobilização social entendida aqui como “um processo político e cultural presente em todas as formas de organização das ações coletivas” (GOHN, 2008, p. 448).

O contexto dessas entidades implica a luta ou atendimento dos interesses de um determinado grupo ou comunidade. Mas o que se entende por comunidade? Para falar sobre isso é preciso percorrer os diversos conceitos sobre esse termo e aliá-los à prática.

O seu uso remonta ao século XIX. Um dos pesquisadores do assunto foi Ferdinand Tönnies, apontado como teórico da comunidade (MIRANDA, 1995 apud RECUERO, 2005). É ele quem cria a dicotomia ente comunidade (*Gemeinschaft*) e sociedade (*Gesellschaft*), em que a primeira, espécie de tribo primitiva, associada a hábitos, costumes e religião, opõem-se à segunda, caracterizada pela vida moderna, pela convenção social, pelo individualismo. Trata-se de construções idealizadas.

Durkheim e Buber também possuem suas teorias baseadas no tipo ideal. Para Émile Durkheim (1978 apud RECUERO, 2005), a comunidade antecede a sociedade. É após que ela se transforma em sociedade. De mecânica, a sociedade passa para uma forma orgânica, fonte de trocas sociais, onde por meio da divisão do trabalho surge a solidariedade orgânica, onde todos os indivíduos são necessários. Já Buber (1987, apud RECUERO, 2005) acredita numa “nova comunidade”, que tem como base a escolha e não os laços de sangue como as comunidades antigas.

Na forma contemporânea de pensar, podemos citar Weber. Ele diz que comunidade e sociedade coexistem. O conceito de comunidade é baseado na ação social. Para Weber (1994, apud RECUERO, 2005), ela se apóia em qualquer tipo de ligação emocional, afetiva ou tradicional – ou seja, tem-se o sentimento de pertencer. Maffesoli (2006) fala na “comunidade de destino” em que se recriam os usos e costumes, os mitos e ritos e habitus de uma dada sociedade.



Já Raquel Paiva (2002, p. 08) considera o conceito de comunidade marcado pela territorialidade e pela centralidade, onde uma coletividade, num determinado território, possui problemas comuns que não podem ser resolvidos de maneira individual. É a partir disso que a autora fala em comunidade gerativa, sobre a qual “pretende-se designar o conjunto de ações (norteadas pelo propósito do bem comum) passíveis de serem executadas por um grupo e/ou conjunto de cidadãos”. Isso se dá devido à falência das políticas públicas e uma série de outros fatores que geram a busca por alternativas.

Henriques (2005) discute o formato multiaxial das comunidades contemporâneas colocando em xeque a noção de territorialidade, já que não é condição para isso o compartilhamento de um território comum. O autor diz que os limites externos da comunidade são difusos, com diversos centros de convergência dos sujeitos, e isso está diretamente ligado ao desenvolvimento dos meios de comunicação. Essa ideia vai ao encontro do que diz Bauman (2003, p. 57) ao referir à questão da identidade, onde a comunidade é vista como lugar de aconchego “lugar da segurança, do pertencimento, dos vínculos e das semelhanças identitárias”.

A discussão não se esgota nesses aspectos retomados ao passo que tudo no mundo é transitório e mutável. Cada grupo pode entender o conceito de comunidade de maneira diferente, da forma que ela melhor se adaptar a sua realidade.

Para que as entidades possam se mobilizar, se organizar e conseguir resultados há um agente fundamental nesse processo: a comunicação. Isso porque a comunicação e a informação causam profundas transformações na sociedade, atuando em todos os seus segmentos. O papel da mídia no comunitário é a constante busca por visibilidade. “Não apenas porque os movimentos ou projetos de certa forma competem pela atenção – e conseqüentemente pela adesão – dos cidadãos, mas também porque necessitam posicionar-se em relação à causa que defendem e assim buscar a todo tempo legitimação institucional” (HENRIQUES, 2005, p. 09).

O crescente aprimoramento das tecnologias, tais como a internet, que possibilita uma infinidade de formas de comunicação, e o domínio de outras ferramentas comunicacionais permitem que as entidades se organizem e assumam um protagonismo diante dos meios de comunicação.

2 O percurso metodológico: da comunicação ao comunitário



O projeto “Falas Comunitárias: um estudo das práticas de comunicação comunitária de Santa Maria” surgiu da necessidade de mapear as organizações comunitárias da cidade e para verificar de que forma é organizada e realizada a comunicação.

A pesquisa deu-se através da ação participativa. Num primeiro momento, fez-se o levantamento de todas as organizações existentes, já que não havia nenhum órgão na cidade que possuísse tal informação de maneira completa, nem mesmo a Secretaria de Assistência Social, Cidadania e Direitos Humanos do município. Assim, para se chegar aos 128 grupos mapeados, foi preciso reunir dados das mais diversas origens. Os 128 grupos constituem-se de diferentes naturezas estatutárias e com distintas práticas comunitárias. Em muitos deles, constatou-se a forte presença da igreja católica enquanto propulsora de ações de mobilização comunitária, mas nesse momento optou-se pela análise de projetos exclusivamente civis e laicos. Eles estão divididos em 19 ONGs das quais seis são OSCIPs⁵, 26 escolas de natureza pública ou confessional, 37 associações de caráter civil ou mista, 32 entidades de cunho religioso, 13 entidades filantrópicas, sete abrigos pertencentes ao poder públicos e 23 entidades cujo estatuto revelou-se duvidoso quanto à definição da sua natureza. Destes, considerando-se a sua constituição estatutária, foram selecionados para análise 42 organizações com projetos próprios e de caráter civil.

O passo seguinte foi a pesquisa in loco, onde fez-se o levantamento e a descrição das iniciativas de comunicação comunitária por meio da aplicação de um questionário que serviu de base para a criação de um banco de dados. O questionário, composto por 18 questões, possibilitou o primeiro contato com as entidades. Através dele, foi possível conhecer seu histórico, abrangência, finalidade, público atendido, projetos desenvolvidos e de que forma se dá a comunicação comunitária, se há projetos específicos e quem são seus agentes.

Visitaram-se organizações das mais variadas formas de ser – desde as mais estabelecidas e articuladas em seu contexto às em estado de subsistência. Algumas das visitas tocaram o emocional das pesquisadoras. O contato com o público atendido - podem ser crianças com alguma doença grave, separadas dos pais por maus-tratos, ou adultos que tenham um grupo para juntos superar alguma doença ou ainda, idosos

⁵ OSCIPs – Organização da Sociedade Civil de Interesse Público - são ONGs criadas por iniciativa privada, que obtêm um certificado emitido pelo poder público federal ao comprovar o cumprimento de certos requisitos, especialmente aqueles derivados de normas de transparência administrativas.



amparados por asilos -, muitas vezes provocavam sensação de impotência perante a realidade apresentada. Isso porque, por meio da pesquisa, percebeu-se o quanto é importante articular a questão da comunicação, já que é ela que atrai colaboradores para os projetos, influenciando na sustentabilidade das entidades. E, muitas vezes, essa ajuda era solicitada às pesquisadoras.

Das 38 entidades visitadas, a maioria é de cunho assistencial e atende crianças em situação de vulnerabilidade social, ou existe para dar auxílio a quem possui uma doença terminal, ou são grupos de cunho cultural, grande parte delas voltadas para atendimento de crianças e jovens. Desse universo, o que se pode perceber é que cerca de 53% das entidades sobrevivem de doações e do trabalho em rede e/ou parcerias.

As redes caracterizam-se pela busca de articulações mais horizontalizadas, evitando o centralismo e a burocratização organizacional. Envolvem a participação de atores múltiplos (de movimentos, ONGs, cidadãos informais), para a realização de metas ou projetos comuns, que se constroem diante de conflitos ou de uma ação solidária. As parcerias caracterizam-se pela relevância que atribuem à complementaridade de esforços, pelos princípios de cooperação e solidariedade na realização de um programa social (SCHERRER-WARREN, 1999, p. 62).

As parcerias são formadas de diversas formas - organizações de mesma finalidade, empresas da cidade, universidades, condomínios, fundações e governo. Algumas sobrevivem somente por meio de projetos junto ao governo do estado e federal. As verbas são conseguidas através de editais públicos.

Do conjunto pesquisado, uma parcela muito pequena desenvolve estratégias claras de comunicação para o trabalho comunitário. Muitas, por não disporem de orçamento suficiente, relegam a comunicação para segundo plano. No entanto, todas reconhecem a importância de se ter um planejamento comunicacional. Ressaltam a importância de se ter visibilidade na mídia corporativa, já que ela assegura a credibilidade, o que promove o reconhecimento público e, como retorno, influencia na sustentabilidade, porque mais pessoas passam a ser colaboradoras da entidade. Por isso, a questão da autorreferencialidade é muito trabalhada nos eventuais projetos de comunicação. Mesmo não atuando de forma planejada, grande parte das entidades mantêm um contato informal com a mídia local, que muda conforme a natureza das suas atividades e, muitas vezes, é dirigido a questões factuais, como cobertura de



eventos, campanhas, chamadas à mobilização da comunidade em geral. A mídia mais procurada e que mais atua na divulgação das organizações é o rádio.

Nesse contexto, pode-se apontar o freqüente uso de releases como estratégia de comunicação. Também, uma expressiva parcela possui folders como forma de divulgação, que contam com trabalho de voluntários para sua confecção. Graças ao avanço da tecnologia e das políticas de democratização da informação, outras ferramentas que podem ser citadas, usadas por 58% das entidades observadas, são os recursos da web. Estes podem ser *sites* ou blogs, ou ainda perfis em redes sociais, como Twitter, Orkut, Youtube e Facebook.

3 Projetos efetivos de comunicação comunitária

A etapa seguinte da pesquisa foi selecionar os grupos que desenvolviam ações específicas de comunicação e/ou mobilização comunitária para realização das entrevistas de profundidade. Foram seis os selecionados, descritos a seguir. A entrevista com 25 questões foi realizada com os responsáveis pela execução dos projetos. Ela trouxe informações detalhadas de quais os planos de comunicação desenvolvidos, de como e porque eles são pensados, de que forma são produzidos, se alcançam os objetivos esperados e que resultados são obtidos com por meio dos mesmos.

Uma das selecionadas é a Oficina de vídeo - TV OVO⁶, associação sem fins lucrativos que trabalha, desde 1996, com a formação técnica em audiovisual para jovens em situação de vulnerabilidade e risco da cidade de Santa Maria-RS. Suas atividades também têm foco na produção de vídeos comunitários e programas de TV produzidos para serem veiculados no interior de ônibus urbano (projeto TV OVO no Ônibus), o que lhes deu o prêmio de Mídia Livre concedido pelo governo federal; realização de oficinas de vídeo; manutenção de Núcleos de Vídeo Comunitário; exposições públicas de vídeos; atividades cineclubistas; manutenção de uma biblioteca do audiovisual. Em 2005 tornou-se Ponto de Cultura com o projeto Espelho da Comunidade, e Pontão de Cultura com o projeto FOCU (Fomento Cultural) que visa implementar uma rede de fomento e fruição de formação, produção, exibição, divulgação e distribuição audiovisual na região sul, promovendo o intercâmbio de metodologias e técnicas de ensino e produção audiovisual entre os Pontos de Cultura.

⁶ www.tvovo.org



A TV OVO possui articulação direta com o MINC – Ministério da Cultura, com aprovação de projetos submetidos por editais. Entre suas parcerias está o Canal Futura, para quem produzem matérias para o Jornal Futura e também, dentro da programação do Geração Beleza, produziu uma reportagem sobre o Projeto Cuíca.

O Projeto Cuíca⁷ - Cultura, Inclusão, Cidadania e Artes, constitui-se desde 2006 como OSCIP. Teve início enquanto oficina de percussão para alunos das escolas públicas do bairro de Camobi, em Santa Maria. Hoje, além da formação em percussão, desenvolve projetos como o Cuíca Comunidade, Cuíca Dança, o Biblioteca Viva, e aulas de reforço para os alunos participantes do projeto. Tem parcerias com instituições de ensino superior e empresas locais produzindo espetáculos e participando de eventos públicos. As dinâmicas de comunicação do projeto se dão através de um site, de um boletim informativo impresso sem periodicidade regular, distribuição de vídeo documentário e contatos permanentes com a imprensa local.

A ONG Infância Ação⁸ visa o voluntariado atuando no desenvolvimento de atividades de lazer, educação, cultura e saúde de crianças de 0 a 12 anos frequentadoras das escolas e creches da rede pública, bem como internos na ala pediátrica do Hospital Universitário. Foi criada em fevereiro de 2007 por um grupo de universitários e se caracteriza, principalmente, pela atividade em rede. Não possui sede própria e utiliza-se dos recursos da web como o twitter, o blog, o facebook, o youtube e o MSN para sua comunicação externa e entre os membros.

O CAAC⁹ - Centro de Atendimento à Criança com Câncer, é uma organização filantrópica, não governamental, sem fins lucrativos e atua na área de assistência social. Trata-se de uma casa de apoio à crianças e adolescentes de zero a 18 anos portadores de câncer, não residentes em Santa Maria e em tratamento hematológico no Hospital Universitário da UFSM. Criado em 1996 está em sede própria desde 1999 e os serviços prestados compreendem o fornecimento gratuito de hospedagem, alimentação, apoio material e atividades sócio-recreativas. Atualmente, investe parte de seus recursos em comunicação institucional com a manutenção do site e do informativo Viva Vida de tiragem eventual.

O Lar das Vovozinhas¹⁰ é uma instituição não-governamental com atuação local, voltada para o atendimento a idosas e portadoras de necessidades especiais.

⁷ www.cuica.art.br

⁸ www.onginfancia.org - www.blog.onginfancia.org - www.twitter.com/ONGinfancia

⁹ www.cacc-rs.org.br

¹⁰ www.lardasvovozinhas.blogspot.com



Entre suas ações, oferece atendimento integral, com alimentação, moradia, assistência médica e social. Desenvolve projetos em rede de parceria social, como projeto de arte e recreação, artesanato, integração social e cursos para pessoas carentes da comunidade, como informática, padaria e reaproveitamento de alimentos. Como estratégia de comunicação, recentemente contratou uma relações públicas, mantém uma comunidade no site de redes sociais Orkut, produz releases para a imprensa, principalmente o rádio, além de emissoras de televisões locais e jornais. A entidade trabalha de forma integrada com outras organizações da cidade.

O Museu Treze de Maio¹¹ - fundado como um clube em 1903 por funcionários negros da Viação Férrea de Santa Maria como alternativa à segregação racial - foi reativado 2001 pelo Movimento Social Negro de Santa Maria que propôs sua transformação em museu afrobrasileiro local, com o objetivo de trabalhar o patrimônio social herdado do Clube. O Museu Treze de Maio traz a ideia comunitária de resgate da história e a preservação da identidade negra, viva há 87 anos no Bairro do Rosário. Atualmente, oferece oficinas de capoeira, dança afro, percussão para crianças e adolescentes da periferia e centro da cidade. A comunicação de suas atividades e as demandas de mobilização tem suporte em eventuais parcerias com os cursos de Comunicação Social da Unifra, e no contato direto de sua direção com a imprensa local. Também possui articulação a nível nacional com entidades do Movimento Negro.

Cada uma das entidades possui uma forma diferente de planejar sua comunicação. O Lar das Vovozinhas trabalha com a organização de eventos como forma de arrecadar fundos e aproximar a comunidade do público atendido pela instituição. Trata-se de uma forma de mobilização social, entenda-se aqui como participação - “ativações que visam à mudança de comportamento ou adesão a dados programas ou projetos sociais” (GOHN, 2008, p. 448).

O Museu Treze de Maio trabalha especificamente com releases via e-mail. Já o CAAC utiliza-se de um informativo, onde prioriza a autorreferencialidade, ou seja, busca descrever todas as atividades realizadas no centro e prestar conta das doações. A ONG Infância Ação desenvolve suas práticas comunicativas por meio das redes sociais. O principal objetivo dela é buscar reconhecimento e credibilidade, uma vez que está constituída há apenas três anos e enfrentam dificuldades para conseguir

¹¹ www.clubesnegrosbr.blogspot.com



espaço na mídia local. O Cuíca tem como dispositivos de comunicação folders, um vídeo institucional, um house organs (Repique), sem periodicidade, e o site. A TV OVO é um meio de comunicação comunitário que busca retratar a comunidade de Santa Maria, dando ênfase para o que há nas periferias, além de trabalhar em cima de projetos de cunho cultural.

O objetivo buscado por todas é a visibilidade na mídia, o reconhecimento, principalmente porque isso influencia diretamente na renda das mesmas. Outra constatação é que há uma visível dependência da mídia tradicional para que eles possam atingir seus objetivos. Enquanto alguns, de cunho assistencialista, conseguem mais apoio no rádio, já que é o veículo mais próximo da realidade cotidiana dos projetos de atuação com viés comunitário, outros conseguem mais espaço no jornal, por trabalharem aspectos mais de caráter cultural. Enquanto os que não conseguem tal apoio, buscam por novas formas de comunicação, alternativas sem custos, como a internet. No entanto, a TV OVO se diferencia ao buscar reconhecimento para que a comunidade saiba que pode usá-la como meio de comunicação alternativo, já que essa é a essência do seu ser.

4 O conceito de comunidade na prática

Uma das questões da entrevista em profundidade era voltada ao entendimento das entidades quanto ao conceito de comunidade. Dentro da comunicação, esse termo é discutido por inúmeros autores e pode compreender diferentes significados como discutido no início deste artigo. As respostas obtidas também abrangeram diferentes conceitos, de acordo com a proposta de trabalho de cada entidade.

O CAAC, ao atender crianças de diversas cidades, diz que a comunidade é um todo, é a união de pessoas que participam e colaboram, no caso, com a organização. Pode-se associar esse pensamento ao de Weber (1994), que fala da ação social e da ligação emocional, afetiva como preceito para formar uma comunidade. O Lar das Vovozinhas compreende por comunidade um conjunto de pessoas com necessidades semelhantes que vai ao encontro do que diz Paiva (2002) ao falar da comunidade gerativa. No caso, o Lar torna-se uma alternativa para as pessoas idosas que, à margem da sociedade e devido às falhas de políticas públicas, não tem para onde ir.



O Museu Treze de Maio entende por comunidade a identificação. É identificar-se com um grupo e sentir-se bem, seja num determinado local, numa cidade ou em qualquer lugar. Não é preciso ser negro para ser da comunidade negra. Essa forma de compreensão está ligada ao que diz Márcio Simeone Henriques (2005), que o território não é condição para formação da comunidade e o que refere Bauman (2003) ao ligar a constituição da comunidade às semelhanças identitárias. Nessa mesma linha está o Cuíca, para quem a noção de comunidade dá pelos vínculos gerados a partir da prática cotidiana, valorizando também a questão da identificação.

O ONG Infância Ação e TV OVO possuem seu entendimento diretamente ligado à questão territorial e ao sentimento de pertença. Para ambos, cada periferia da cidade é tida como uma comunidade distinta. Paiva (2002) a define como “sendo constituída pelos habitantes de um determinado território”. Tanto ela quanto Bauman (2003) também falam do pertencimento, característica que se agrega na formação da comunidade.

5 Considerações Finais

O termo comunitário entra em voga a partir da década 1990. De acordo com Cogo (2005), o fim da ditadura em parte dos países da América Latinas nos anos 80, o florescimento dos movimentos sociais, as implantações de rádios e TV's comunitárias e a expansão da internet faz com que as mídias se pluralizem.

Para que as entidades possam ser vistas e consigam cumprir sua função no meio que estão inseridas, a comunicação precisa ser pensada de forma estratégica. Durante a pesquisa percebeu-se o quanto ela é importante e como ela faz falta para quem ainda não conseguiu se articular nesse campo. Como diz Márcio Simeone Henriques (2005, p. 13), a comunicação não pode ser vista apenas do ponto de vista técnico, mas sim “de modo mais amplo como uma competência fundamental a que todos devem ter direito e sem a qual não podem os sujeitos coordenar suas ações, posicionar-se no mundo e transformá-lo”. Outro ponto importante é a articulação dos movimentos sociais, já que a maioria das entidades pesquisadas atua de forma isolada.

Esta investigação traz resultados parciais e deve ser vista enquanto processo. Por meio dela foi possível identificar a concepção das práticas comunicativas, o envolvimento da comunidade e como esse espaço pode dar vazão ao exercício da cidadania. No ano corrente, 2010, o projeto terá continuidade e irá mapear e



inventariar as associações de bairros de Santa Maria. O resultado final será a disponibilização de um banco de dados com todas as entidades da cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMANN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

COGO, Denise. **Mídias comunitárias: outros cenários e cidadanias**. Rio de Janeiro: Ibase, 2005 (Artigo).

GOHN, Maria da Glória. **Abordagens teóricas no estudo dos movimentos sociais na América Latina**. Caderno CRH, Salvador, V.21, nº 54, p. 439-455, Set/Dez. 2008.

HENRIQUES, Márcio Simeone. **Comunicação, comunidades e os desafios da mobilização social**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Uerj – 5 a 9 de setembro de 2005.

MAFFESOLI, Michel. **Comunidade de Destino**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 12, n. 25, p. 273-283, jan./jun. 2006

PAIVA, R. **Política de minorias: comunidade e cidadania**. Salvador, Intercom, 2002.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Comunidades em redes sociais na internet: proposta de tipologia baseada no Fotolog.com**. 2006. Tese – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2006.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Cidadania sem fronteiras: ações coletivas na era da globalização**. Editora Hucitec, São Paulo, 1999.